

# Mar de soja invade o chão seco do cerrado

O Brasil real está explodindo em produção e progresso em Campos Novos do Parecis, no norte do Mato Grosso, mas o Brasil oficial só descobriu isso há dois meses e meio. Campos Novos tem seis meses de vida, 600 casas prontas e 140 em construção, mas já nasceu grande. Em seus 40 mil quilômetros quadrados, duas vezes a área do Sergipe, está sendo colhida uma safra de 10 milhões de sacas de soja, mais alguns milhões de sacas de arroz e milho — e tudo com muita eficiência.

Os produtores locais garantem que naquele solo de cerrado estão obtendo a maior produtividade do País: até 50 sacas de soja por hectare. Outro dado expressivo é que a Chapada dos Parecis “é o maior chapadão de terra roxa (de cerrado) contínua da América do Sul”, como asseguram, com convicção, os produtores. E de todos os municípios da região, Campos Novos é o que tem maior área nesse chapadão.

## Com energia elétrica e estrada, teremos 20% de expansão ao ano.

Por essas tantas vantagens Campos Novos, emancipado do município de Diamantino, já escolheu seu slogan: “Celeiro nacional de produção”. No entanto, não faz muito tempo que três secretários do Estado do Mato Grosso — os da Agricultura, Interior e Transportes — descobriram esse lugar que, mesmo antes da emancipação, já era um grande produtor. “Eles admitiram que não conheciam esta área e se disseram maravilhados com o que estavam vendo”, conta um produtor.

A visita, seguida de outras três, foi para falar da ligação com o asfalto, distante 80 quilômetros da cidade. “Se o governo olhar um pouquinho para nós e resolver o problema da estrada e da energia elétrica, teremos 20% de expansão agrícola por ano”, diz o prefeito do PMDB, Zeul Fredrizzi, gaúcho de Santa Maria. Quanto ao problema de energia, hoje obtida de uma pequena hidrelétrica da comunidade, Campos Novos do Parecis também está muito bem servida: “O maior potencial hidrelétrico do Mato Grosso está em nosso município”, afirma Fredrizzi.

## A ferrovia vai sair, sem endividamento e na medida do possível

Só uma queda d’água do rio Utariiti pode fornecer 200 megawatts. E três cachoeiras de outro rio famoso na região, o do Sangue, dão mais 10 megawatts. Com tudo isso, o Chapadão tem também ótimo clima de montanha, chuvas regulares, áreas propícias para irrigação, e não está sujeito a geadas.

No município estão grandes empresas como a Fazenda Itamarati Norte, de Olacyr de Moraes, a Sementes Maggi, o Grupo Mato Sul, a Perdigão, entre outras. A perspectiva do ICM que vai gerar e do orçamento municipal deixa o prefeito entusiasmado: “Vamos ser uma cidade rica, não tenho dúvidas”.

O mais sério e imediato problema de Campos Novos do Parecis é a falta de mão-de-obra. “Precisamos de muita gente, de todos os ramos”, diz Fredrizzi. Pedreiros, dentistas, técnicos agrícolas, mecânicos, tratoristas, trabalhadores braçais. Para cortar cana, a usina de álcool Cooperativa (20 milhões de litros, este ano), instalada no município, está indo buscar trabalhadores em Pernambuco. E há outras empresas interessadas em trazer pessoal de onde quer que seja.

No caso da Fazenda Itamarati, os administradores estão pensando em uma forma eficiente de atrair pelo menos mil



famílias: “Vamos separar 200 alqueires e dar 5 mil metros quadrados para cada família formar uma chácara de subsistência”, planeja Takashi Shida, diretor administrativo. O trabalhador seria contratado e se instalaria com a família; se deixasse o emprego, perderia a chácara.

Mas trabalho não falta: terminado o corte da cana, vem a colheita do feijão, que precisa ser feita manualmente (com máquina, perde 15%). Depois, há plantios experimentais, como de melão e melancia. A colheita do feijão (100 mil sacas) está sendo feita hoje por 1.500 trabalhadores avulsos, a maioria vinda da Bahia. Comem em refeitório ou em marmiteix (“não se pode chamá-los de bôias-frias”) e ganham por tarefa.

Para a safra 1989/90, a Itamarati Norte quer plantar 10 mil hectares de feijão. Está pensando em trazer, só em trabalhadores avulsos, 2.500 pessoas. “É gente que vem, por exemplo, do Paraná. Colhe lá, depois vem colher aqui. Mas o ideal é que fossem pessoas fixadas aqui”, diz Takashi.

Em Campos Novos também há pecuária extensiva, que sabiamente emprega pouca gente. Mas esta atividade, aqui, representa apenas 10% do total. A vocação do novo município é mesmo a agricultura e, para ser o “celeiro nacional da produção”, terra não lhe falta: com tudo o que já produz, apenas pouco mais de 9% de sua área está explorada.

## “Ele olhava a plantinha mirrada e não acreditava que ia ter futuro”

A prefeitura queixa-se, com certo orgulho, de que não tem como administrar o rápido crescimento da cidade. Ou, como diz o prefeito, “não temos estrutura para suportar esse progresso todo”. Não é para menos. Dos 2.500 lotes urbanos colocados à venda por 10 salários mínimos cada, não há mais nenhum disponível. Foram todos comprados e, se alguém fala em vender, o preço já é outro.

Também não há, em toda a cidade, um único cômodo para alugar. Já estão instalados cinco supermercados, dois açougues, um pequeno hospital e duas farmácias — mas quem quiser montar qualquer outra coisa, e não possuir terreno, vai ter dificuldade. A prefeitura desenvolveu um projeto para abrir novos lotes, e já apareceram interessados. O passo seguinte, quando o orçamento permitir, será implantar o saneamento básico.

Na cidade há quatro armazéns particulares, com capacidade para 3 mil sacas de grãos, mas eles são insuficientes. E o problema é agravado pelo arroz que o governo comprou para fazer estoque, mas até hoje não retirou. A empresa Mato Sul tem um armazém de 7 mil metros quadrados, abarrotado até a porta. Nas sacas, algumas rasgadas, com o arroz estragando, há etiquetas indicando safras até de 1986/1987. Um funcionário da empresa diz que, só em Campos Novos, a Companhia de Financiamento da Produção (CFP), órgão do governo, tem estocadas 14 mil toneladas de arroz, das safras de 1986 e 1988. “Desde janeiro, eles liberaram 4 mil toneladas, mas até hoje não retiraram”, diz o funcionário. E se queixa: “Há 32 produtores do município, com 5 mil toneladas, esperando espaço nos armazéns”. Os mais críticos, acham que essa situação vai trazer sérios problemas para a próxima safra, de janeiro a abril.

Isto tudo não tira o entusiasmo que se vê no semblante das pessoas, nas ruas de terra de Campos Novos do Parecis. Ou no do próprio prefeito, que promete: “Quem vê esta cidade hoje, e voltar daqui a três anos, vai ter uma grande surpresa”.



## Compare os dois mundos

### Brasil real

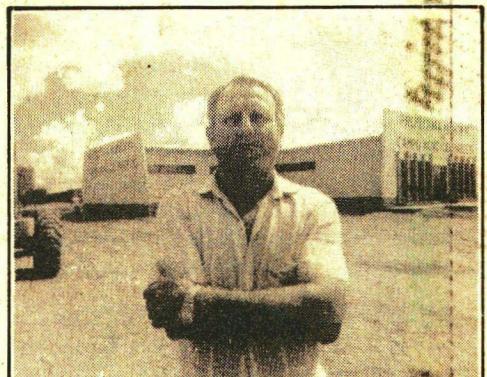
● A Ceval, maior empresa de óleos vegetais do Brasil, aumentou sua capacidade de esmagamento de soja para 4 milhões de toneladas por ano. O aumento da capacidade deve-se à aquisição da corrente Zillo, localizada em Ourinhos, São Paulo, por US\$ 15 milhões.

● A Rhodia anunciou que, durante os próximos dez anos, pretende investir cerca de US\$ 2 bilhões no Brasil. A injeção de divisas será direcionada principalmente para a construção de novas plantas e modernização das já existentes, particularmente nas áreas de biologia e química.

### Brasil oficial

● A partir da próxima semana, até as eleições de 15 de novembro, os deputados federais trabalharão apenas um dia por semana — às quartas-feiras. Os parlamentares continuarão a receber seus salários na íntegra.

● Com o aumento concedido aos funcionários do Banco do Brasil, por decisão do Tribunal Superior do Trabalho, técnicos do governo paulista constataram que a folha de pagamento do BB subirá para NCz\$ 1,9 bilhão, e será superior ao total do recolhimento do ICMS — imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços — em São Paulo, hoje por volta de NCz\$ 1,9 bilhão.



O prefeito de Campos Novos, Zeul Fredrizzi, gaúcho de Santa Maria, não tem dúvidas.

A fabulosa colheita de grãos em

um dos vários empreendimentos

da região (ao lado)

vai transformar o município que administra num dos mais ricos do Brasil.

Fredrizzi tem a seu favor

“o maior potencial hidrelétrico

do Mato Grosso”, segundo

ele mesmo diz, e uma carência

a ser resolvida a curto prazo: gente para trabalhar.

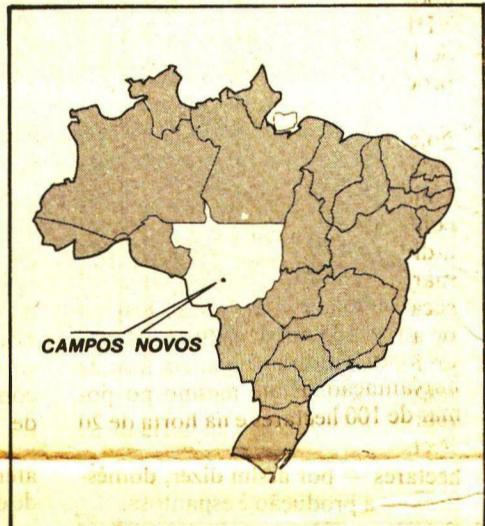
“Precisamos de muita gente, de

todos os ramos”, exorta.

O convite é sério: trabalhador

disposto a trabalhar e progredir

pode aparecer em Campos Novos.



## Notícias do Brasil real

Rio Preto, onde a construção civil cresceu 10.000% em dez anos

São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, deve receber investimentos no setor da construção civil, neste ano, de cerca de US\$ 100 milhões, ao câmbio oficial, superando os US\$ 80 milhões de 1988. Estão sendo construídos ou projetados aproximadamente duzentos edifícios, todos com mais de dez andares. Pelo menos trezentos prédios com menos de dois ou três pavimentos espalham-se pela cidade. Com quase 300 mil habitantes e uma das maiores rendas per capita do Brasil, Rio Preto, proporcionalmente, constrói mais do que a própria capital paulista.

A construção intensificou-se a partir de 1980. Na época, havia seis casas de materiais de construção; hoje, são cerca de oitenta. As que já funcionavam expandiram-se e outras foram instaladas por grupos locais ou por empresários de fora. Funcionavam menos de dez imobiliárias. Atualmente, há mais de 120. Cresceram e multiplicaram-se também as serralherias, fábricas de taco, concreterias, metalúrgicas e outras indústrias diretamente ligadas à construção civil. O consumo médio de concreto, por ano, saltou para dez mil metros cúbicos.

“A construção civil cresceu quase 10.000% em dez anos aqui na cidade”, diz o arquiteto José Carlos de Lima Bueno, do Grupo Novo, empresa que está fincando onze novos edifícios no chão da cidade. Este setor tornou-se um dos principais pilares econômicos do município, empregando diretamente 20 mil operários e técnicos. Por causa da forte concorrência do mercado, a prefeitura, que oferecia salários mais baixos, teve de ir buscar trabalhadores braçais em cidades vizinhas para a execução de serviços públicos. Na agricultura, o motor da riqueza de toda a região, o fenômeno repetiu-se e hoje há dificuldades para recrutar cortadores de cana e catadores de laranja.

Mas qual a causa desse pico na construção civil? Os motivos que respondem à pergunta são vários: Rio Preto cresce, populacionalmente, a uma taxa em torno de 4,5% ao ano, atraindo pessoas de outras cidades e estados para trabalhar em uma das mais de duzentas culturas agrícolas da região. Planta-se de tudo: laranja, cana, café, algodão, grãos, além de produzir-se carne e leite. Ao todo, são dezenas de pequenas e médias propriedades, todas com plantio diversificado e com alta taxa de produtividade. “Das 43.500 propriedades da região, 37 mil — ou mais de 80% — têm menos de 100 hectares”, contabiliza Alfredo Saad, da secretaria de Planejamento da prefeitura. “Há apenas quatro propriedades com extensão superior a 10.000 hectares — e elas são igualmente produtivas como as de mil hectares”, diz Saad. Foi por causa dessa alta produtividade que, durante o período de esverescência em torno da busca de terras para reforma agrária, nenhuma propriedade do município pôde ser qualificada como ociosa. Todas são altamente produtivas.

Antonio Higa/AE